

• A CASA • • DO JOÃO •



REVISTA DE LITERATURA
INFANTIL E JUVENIL

JANEIRO 2018

02



FICHA TÉCNICA

Diretor

João Manuel Ribeiro

Subdiretor

Andreia Abreu

Chefe de Redação

J. José Olim

Design e Paginação

Bolota / Patrícia Alves

Colaboradores

Carmen Zita Ferreira

Fedra Santos

Francisco Laranjeira

Lúcia Barros

Maria da Conceição Vicente

Paulo Freixinho

João Vaz de Carvalho

Redação

Lg. Eng. António de Almeida, 30

3.º andar – Sala DD3

4100-065 Porto

Propriedade e Edição

Tropelias & Companhia -

Associação Cultural

Rua António Bessa Leite, 1516 C,

3.º Dto / 4150-074 Porto

Contribuinte 508828325

N.º Registo ERC 127032

N.º ISSN 2184-1233

Depósito Legal 433086/17

Tiragem 500 exemplares

Periodicidade Trimestral

Impressão

GVP - Gráfica Vilar do Pinheiro

Rua Castanhal, 2

4485-842 Vilar de Pinheiro

Estatuto Editorial

<http://joamanuelribeiro.pt/revista/>

ISSN 2184-1233



9 772184 123004 >

02 EDITORIAL

Viajar, ler e sonhar...

04 UM CONTO POR DIA DÁ SAÚDE E ALEGRIA!

A Mala- uma farsa de amor

Texto inédito de Pedro Seromenho

06 FALÁMOS COM

Entrevista a Pedro Seromenho

14 FOMOS VER

Entrevista a Sebastião Peixoto

20 OS NOSSOS PARCEIROS

EducArte: Educação Artística no
Pré-Escolar

22 UAU!

Poesia e Música

32 LEMOS, GOSTÁMOS E... RECOMENDAMOS!

34 APROVEITA E EXPLORA

Dicas de escrita

38 A PALAVRA É TUA

Pequenos grandes escritores

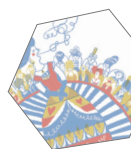
42 PARTICIPA NISTO

Passatempo do trimestre

46 PARA BRINCALHARES

47 SAIU NA IMPRENSA

48 NOTÍCIAS





EDITORIAL

Viajar, ler e sonhar... entre palavras e música

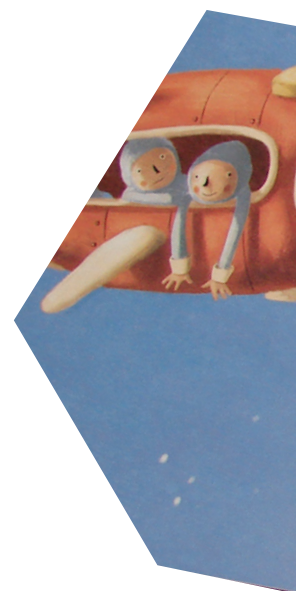
CADA UM É LIVRE DE SONHAR...

Viajar, ler e por que não também?... sonhar!

Sim, tudo isto é o que vos propomos no segundo número d'*A Casa do João*.

Começamos por entrevistar um dos escritores da (dita) nova geração, **Pedro Seromenho**, e o ilustrador, que com ele colaborou no livro *O Palhaço Avaria*, **Sebastião Peixoto**.

Depois, falamos de poesia e música ou de música e literatura, sendo que, quando nos referimos à música e à literatura, falamos do mais primitivo instrumento musical - a voz humana. A música surgiu do canto e, no canto, o conteúdo é a poesia "declamada" melodiosamente. Pensando bem, como diz alguém, "as letras mais não são do que a representação simbólica dos sons".





Polémicas à parte, o facto de o cantor Bob Dylan ter sido prémio Nobel 2016 atesta a forte relação entre a música e a literatura. A porta-voz do Nobel afirmou mesmo que os jurados escolheram o conceituado músico como o premiado por ele ter “criado novas expressões poéticas dentro da grande tradição da música americana”. E certo é que, pela primeira vez o prémio máximo da literatura foi para um compositor de canções. As duas artes andam, quase sempre, de mãos dadas, havendo mesmo quem diga que são indissolúveis.

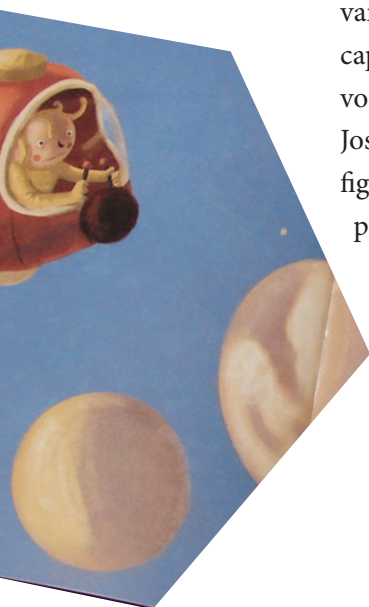
E já que é de música e literatura que falamos, permitam-me o parêntese para vos apresentar o meu mais recente livro/CD. **Pó-pó-pó, tirolitrololó**, numa associação perfeita entre texto, música e ilustração, mostra como a poesia e a música são inseparáveis. Confesso que estou com muita expectativa em relação a este livro/CD. O João Pereira e o Nuno Brito são excelentes músicos. Esta obra, além de contar histórias através das palavras, dá a conhecer o fantástico mundo da poesia, através da música. Desde “a canção das vogais” até à “canção da lagarta pintada” são muitos e variados os ritmos que os músicos souberam captar magistralmente, emprestando-lhe a voz e o engenho criativo. As ilustrações de José Cardoso, numa explosão de cor e de figuras geométricas, emprestam ao livro uma particular singularidade, que resulta da harmonia entre texto, música e ilustração. Sem dúvida, um livro para ler, ver e ouvir (cantando)!

Mas porque a promessa é também de viajar, nest’ **A Casa do João**, voltamos a Amarante, a mais recente localidade portuguesa a integrar o grupo de Cidades Criativas da Música, da rede UNESCO. E é também em Amarante que se desenvolve um projeto pioneiro, chamado “Educarte” que leva Educação Artística aos mais novos. Mas nesta revista, temos ainda espaço para nos deliciarmos com as melódicas palavras do diretor da Antena2, João Almeida, e de Mário João Alves, que concilia a arte de cantor lírico com a de bom escritor de LIJ, passando pelo “Zéthoven”, projeto que permite o primeiro contacto com o mundo da música, a crianças, de todo o país e sem esquecer o premiado projeto da Biblioteca Municipal de Ílhavo, “Ao som das histórias”.

Cada um é livre de sonhar; por isso, espero, honestamente, que esta revista vos faça sonhar, tanto quanto a mim! Como já tive oportunidade de vos dizer, est’ **A Casa do João** é o concretizar de um sonho, mas o maior sonho tem sido acompanhar o seu sucesso! Esgotada (em papel), com muitos pedidos por responder (lamentavelmente) e com revistas que viajaram para paragens tão longínquas e inesperadas como Brasil, Alemanha, Bélgica, só me resta dizer-vos: OBRIGADO!

Sejamos, de novo, bem-vindos à Casa do João!

João Manuel Ribeiro



UM CONTO POR DIA DÁ SAÚDE E ALEGRIA!

TEXTO INÉDITO

A MALA UMA FARSA DE AMOR

— Era um reino que só existia, quando ninguém por perto havia. E tudo o que lá acontecia, acabava por ser mera invenção ou depressa se esquecia.

— Roberto, volta para o quarto! O sol ainda nem nasceu! — gritou uma voz rouca e entorpecida, que não parava de tossir e de pigarrear.

— Já vou. Estou a admirar a Lua.

— Mas isso é um livro! — acrescentou uma voz jovem e feminina.

— Sim, mas repara como brilha! Parece que foi ilustrado com prata!

— Lá estás tu a dizer coisas estapafúrdias, que não fazem sentido... — aproximou-se uma voz, que vinha de uma jovem vestida como uma bailarina.

O seu rosto era ebúrneo como o de um fantasma, mas os seus gestos eram graciosos e não assustavam. Pelo contrário, os olhos azuis que lhe transluziam a alma, tornavam-na cativante. Tinha uns longos cabelos de oiro e um caminhar tão leve e delicado que nem sujava as solas dos sapatos. Era como se ela viesse a levitar. Os seus braços rodopiavam ao ritmo de uma melodia que não se ouvia e, ainda assim, o seu corpo não parava de dançar.

— Sabes, Petrushka, a lua faz-me lembrar os lábios do meu amor... — suspirou o Roberto, antes de fechar o livro — Ah, Maria, Marion, Marionete...

— Raios partam o miúdo! Tinha de ser diferente! - interrompeu uma voz que vinha de um dos quartos e que não parava de tossir — Vem mas é dormir!

— Sim, porque nunca dormes?!

— Assim fico com mais tempo.

— Para quê?

— Para sonhar.

Enquanto a bailarina restou imóvel, por ter ficado sem corda ou não ter entendido o que lhe estavam a dizer, o Roberto saltou do parapeito da janela e aproximou-se de forma desconchavada. Na ombreira da porta havia um baú donde retirou uma agulha gigante, um losango de pano vermelho e um carroto de linhas. O Roberto usava sempre um gorro de veludo vermelho que disfarçava o facto de não ter cabelo, mas apenas uns riscos que o próprio havia desenhado. As suas mãos andavam sempre esfarrapadas e o seu tronco, por mais que o lavasse, persistia áspero e enrugado. Por essa mesma razão tornava-se extremamente difícil adivinhar-lhe a idade. Por um lado, ele caminhava reclinado e

com aparente sofreguidão. Por outro, o seu rosto era suave e delicado como o de um menino tímido e corado. Ainda assim o Roberto estava longe de ser um menino comum. Aonde ele era suposto ter um coração, havia apenas um rasgão e nada dentro para vislumbrar. Foi nesse lugar que ele começou a coser.

— Estás a tentar esconder quem és?! — perguntou-lhe a Petrushka.

— Não. Estou a tentar melhorar quem sou.

— Percebo-te tão bem. Passo a vida aprisionada no que sinto — suspirou Petrushka — tenho música dentro que quer voar, mas falta-me a chave certa.

— Sim, isso, o amor! — abraçou-a o Roberto, com toda a força que tinha.

— Quem me dera sentir como tu! — deixou-se conduzir a bailarina, como se tivesse as pernas torpes e dormentes. — Mas não fomos feitos para sentir.

— Agora és tu que dizes tolices — despediu-se o fantoche.

Num abrir e fechar de olhos o fantoche subiu uma encosta e dirigiu-se até ao cimo de uma colina onde havia um moinho que tinha escrito os seguintes dizeres nas suas pás — Proibido pensar. Proibido sentir. Proibido pensar. — e, mesmo sem haver vento, não parava de girar.

— Mamulengo! Que bom ver-te, amigo!

— Roberto, até que enfim! Escuta esta música que fiz para ti! — disse o jovem que vestia um chapéu, um gibão, um guarda-peito e um sorriso.

— Que melodia bonita! — arrepiou-se o fantoche — Lembra-me a Marion.

— Ainda pensas nela? É melhor não contares a ninguém...

— Penso e sinto! Apetece-me gritar ao mundo, mas sei que não posso. Quando ela me toca, o meu corpo ganha vida e alento. Deixo de estar vazio.

— Como assim?! Sentes um coração a palpitar dentro?

— Não. Mas sinto-me inteiro.

— Gostas mesmo dela.

— Passo a vida a sonhar com o momento em que ela me beijará.

— Tu consegues sonhar?! És um poço de surpresas, rapaz!

— Ainda ontem assisti a uma peça de teatro sobre uma princesa que beijou um sapo e este se transformou num príncipe! O amor é mágico!

— Pode acontecer, mas garanto-te que continuarás uma marioneta.

— Não faz mal. Estarei nos seus braços. — o Roberto fechou os olhos e sorriu de orelha a orelha, como se já não estivesse ali.

Quando ele se deitou na relva, já o sol se escondia no horizonte e a sombra lhe cobria o corpo como um cobertor de escuridão. Os pássaros deixaram de cantar e, então, ouviu-se um clique, como o de uma mala a fechar.

TEXTO:
PEDRO
SEROMENHO





FALÁMOS
COM...

PEDRO SEROMENHO

entrevista

TENTO COLOCAR
POESIA EM TUDO
O QUE FAÇO

De nacionalidade portuguesa, nasceu sob a constelação de gémeos em 1975, na cidade de Harare, Zimbabué. Com dois anos de idade fixou-se em Tavira e mais tarde em Braga, onde atualmente reside. Apesar de ser licenciado em Economia, Pedro Seromenho dedica-se inteiramente ao universo da literatura infantojuvenil e desde 2010 que faz parte do júri do Prémio Matilde Rosa Araújo. Entre várias obras publicadas, *900 - História de um rei* e *Porque é que os animais não conduzem?* são dois dos seus títulos que fazem parte do Plano Nacional de Leitura. Em 2011 resolveu fundar a editora **Paleta de Letras** e, em 2013, tornou-se o patrono da “Biblioteca Pedro Seromenho” no Agrupamento de Escolas de Santa Maria em Tomar. Em 2015, e ainda sem pressa de crescer, o autor publicou o livro *As gravatas do meu pai* e tornou-se o patrono da Biblioteca do Centro Escolar de Lamações em Braga. No dia 12 de novembro de 2016 o autor comemorou dez anos de carreira literária com o lançamento da sua décima segunda obra infantojuvenil: *A cidade que queria viver no campo*. Agora, em 2017, acabou de escrever *O meu avô consegue voar* e *Um livro imperfeito* e encontra-se a ilustrar *O rei pássaro*.

FALAMOS COM...

Como surgiu o encontro com a escrita?

Começou precocemente com a leitura. Com os mundos mirabolantes que os livros ocultam. À medida que os lemos estes passam a habitar a nossa alma, a nossa forma de ver, de sentir e de ser. Queremos mais ideias, padrões, estereótipos e referências, e fica sempre algo por sonhar. Depois vem a escrita, os primeiros exercícios de reflexão, de experimentação, de manchar a brancura do papel com devaneios e libertações. No meu caso irrompeu em forma de poesia, mas não ficou por aí. Em seguida experimentei novos géneros de narrativa e novas formas de comunicar como o conto infantil. E foi aí que me descobri. Estava a terminar a licenciatura de economia quando reparei que a escrita já era a minha companheira. E ainda continua a ser.

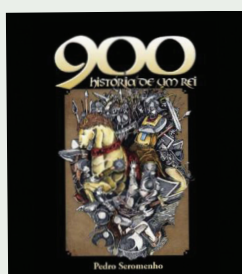
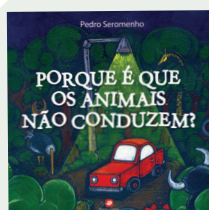
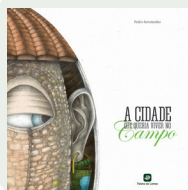
Alguma obra mais marcante ou com um significado mais especial?

No que concerne à escrita escolheria o meu terceiro livro juvenil, o *900 História de um rei*, que serviu as comemorações dos 900 anos de nascimento do primeiro rei D. Afonso Henriques. Sabia que não iria ser fácil. Os jovens ainda encaram a História de Portugal como algo enfadonho. Mesmo o retrato atual do D. Afonso Henriques ainda é o reflexo de um Estado Novo que o transformou numa figura austera. Apoiei-me nos nossos grandes historiadores, nomeadamente o José Mattoso, e depois conferi-lhe ritmo e ação com os antiheróis, a intriga e a conspiração, o amor e a paixão proibida, enfim, todos os ingredientes de um verdadeiro romance. Não se lê a trote, mas a galope.

Fale-nos do seu percurso...

A minha incursão pelo universo da literatura infantil não foi imediata. Tudo começou há dez anos com a publicação do meu primeiro livro, *A Nascente de Tinta*. Nessa altura ainda andava perdido no limbo dos números. À espera de ser resgatado. Comecei por visitar várias escolas de Braga e, quando dei conta, a palavra dos pequenos e dos grandes leitores já tinha contagiado outras cidades. Com naturalidade passei a viajar não só nos mundos dos meus livros, mas também de escola em escola, de biblioteca em biblioteca, numa caminhada tão bonita quanto memorável. Não posso esquecer as dificuldades e obstáculos iniciais que tive de superar, mas julgo que tem sido um percurso muito bonito. Construí amizades, conheci pessoas que admiro e respeito e visitei lugares que se tornaram lares. Enfim, aconteceram-me coisas incríveis. Fui pai, amadureci, lancei doze livros como autor e cresci como pessoa. Acho que tudo chega a seu tempo e tem o seu momento. Por isso quero continuar a ler, a escrever e a sonhar, como sempre fiz, mas sem pressa de crescer.

Não posso esquecer as dificuldades e obstáculos iniciais que tive de superar, mas julgo que tem sido um percurso muito bonito. Construí amizades, conheci pessoas que admiro e respeito e visitei lugares que se tornaram lares.



Preocupo-me em experimentar, em improvisar e inclusive em falhar, contanto que me sinta feliz e realizado.

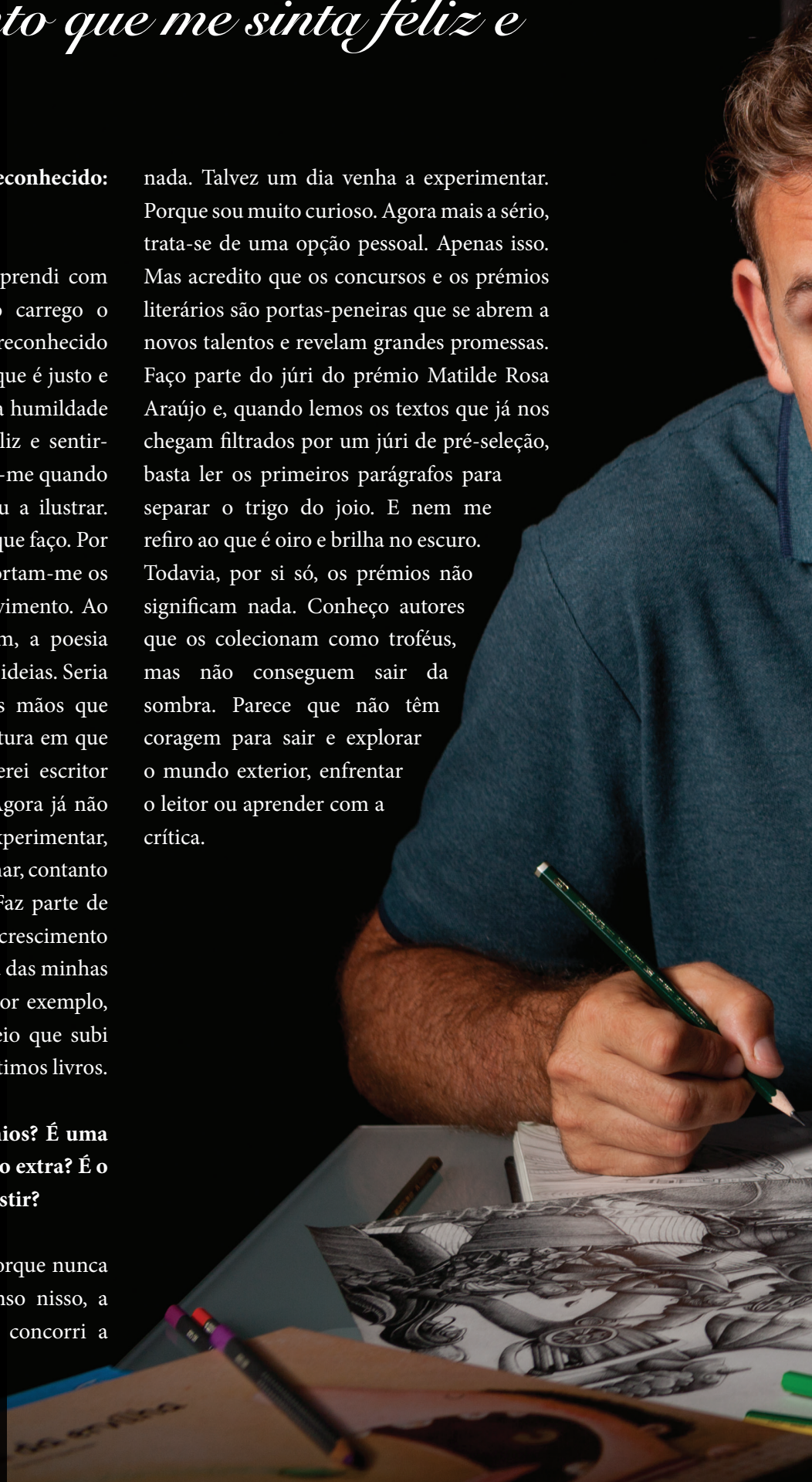
Como mais gosta de ser reconhecido: poeta, escritor ou ilustrador?

O mais importante foi o que aprendi com o meu avô materno. Por isso carrego o nome Seromenho. Prefiro ser reconhecido como uma boa pessoa, alguém que é justo e correto. Por isso valorizo tanto a humildade e a simplicidade. Basta estar feliz e sentir-me realizado. Ora isso acontece-me quando estou a criar, seja a escrever ou a ilustrar. Tento colocar poesia em tudo o que faço. Por exemplo, quando desenho, importam-me os sons, as rimas, as cores e o movimento. Ao contrário do que muitos julgam, a poesia não habita nas palavras, mas nas ideias. Seria como dizer que são as minhas mãos que desenhavam. Ainda houve uma altura em que vivi uma espécie de dilema. Serei escritor ou ilustrador? Terei de optar? Agora já não penso nisso. Preocupo-me em experimentar, em improvisar e inclusive em falhar, contanto que me sinta feliz e realizado. Faz parte de um processo de reflexão e de crescimento no qual fui tomando consciência das minhas falhas, fraquezas e limitações. Por exemplo, no que respeita à ilustração creio que subi alguns degraus nos meus dois últimos livros.

Que real impacto têm os prémios? É uma questão financeira? É motivação extra? É o alento necessário para não desistir?

Não sei qual é o real impacto porque nunca fui premiado. E agora que penso nisso, a verdade é que também nunca concorri a

nada. Talvez um dia venha a experimentar. Porque sou muito curioso. Agora mais a sério, trata-se de uma opção pessoal. Apenas isso. Mas acredito que os concursos e os prémios literários são portas-peneiras que se abrem a novos talentos e revelam grandes promessas. Faço parte do júri do prémio Matilde Rosa Araújo e, quando lemos os textos que já nos chegam filtrados por um júri de pré-seleção, basta ler os primeiros parágrafos para separar o trigo do joio. E nem me refiro ao que é oiro e brilha no escuro. Todavia, por si só, os prémios não significam nada. Conheço autores que os colecionam como troféus, mas não conseguem sair da sombra. Parece que não têm coragem para sair e explorar o mundo exterior, enfrentar o leitor ou aprender com a crítica.



FALAMOS COM...



*Gosto de me
entregar a
tudo o que
faço. Gosto
de inspirar,
de motivar,
de sentir e
de partilhar.
Quero
deixar uma
marca, mas
sem deixar
de ter
prazer no
que faço.*

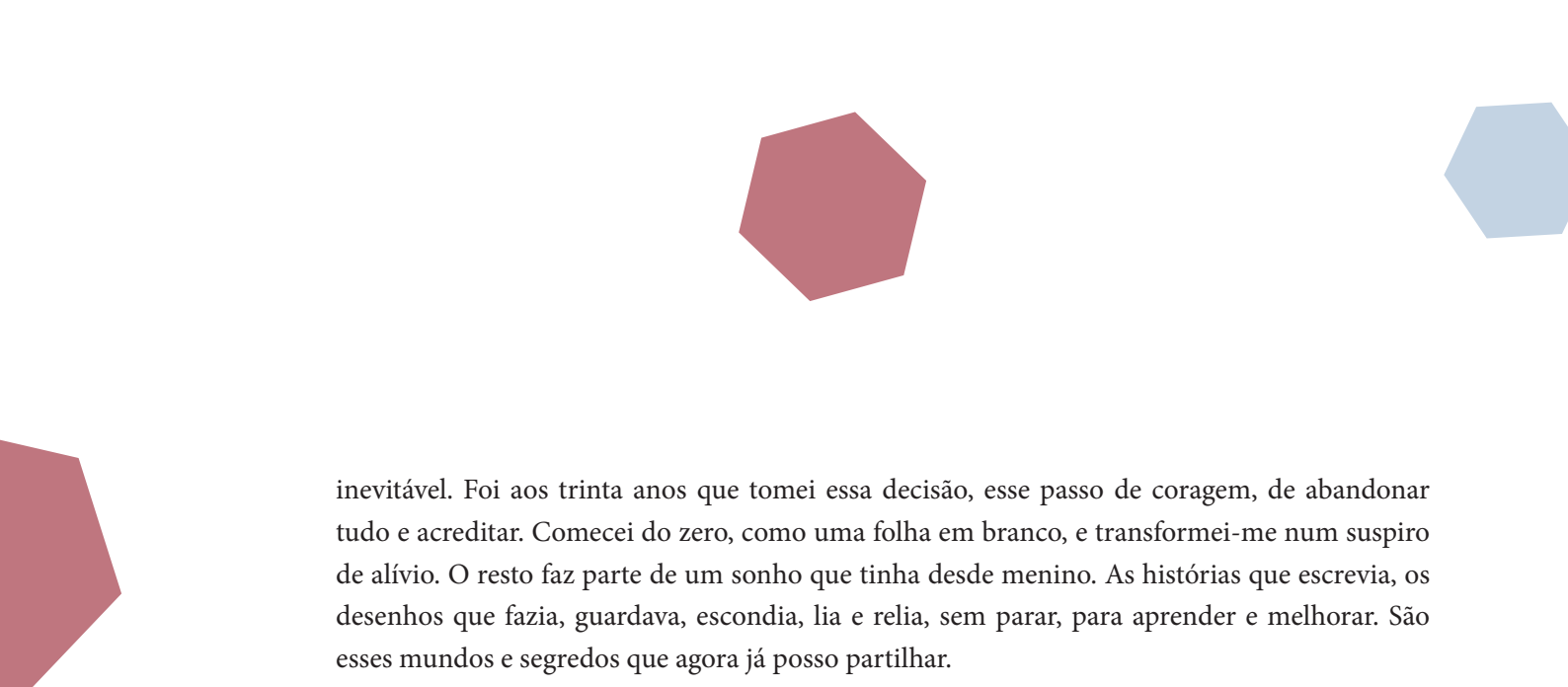
Como é viver da escrita nos dias de hoje?

Não é fácil. Mentiria se dissesse o contrário. Os autores são autênticos lutadores. Poderia equipará-los aos navegadores de outrora. O problema é que muitos deles não sabem gerir a sua carreira, o seu processo de evolução, e perdem-se algures num oceano de oportunidades. Não estivesse o mundo literário repleto de vilões e armadilhas. Aliás, uma das coisas que mais me entristece ou enfurece é quando não valorizam um autor ou artista. Se é possível viver da arte e da cultura? Sim, é. Eu sou a prova disso. Ainda que tenha de me reinventar, todos os dias, para não entrar em vias de extinção.

Quando estava ligado aos números a percentagem de sucesso era reduzida... quando sentiu que estava na hora de mudar? E dos números surgiram os desenhos...?

Era um economista medíocre. Porque não gostava do que fazia. Ainda trabalhei como consultor e auditor durante oito anos, mas, com o tempo, a mudança tornou-se





inevitável. Foi aos trinta anos que tomei essa decisão, esse passo de coragem, de abandonar tudo e acreditar. Comecei do zero, como uma folha em branco, e transformei-me num suspiro de alívio. O resto faz parte de um sonho que tinha desde menino. As histórias que escrevia, os desenhos que fazia, guardava, escondia, lia e relia, sem parar, para aprender e melhorar. São esses mundos e segredos que agora já posso partilhar.

Paixão, partilha, sonho, prazer... são palavras que lhe assentam bem?

Sim, não sei fazê-lo de outra forma. Gosto de me entregar a tudo o que faço. Gosto de inspirar, de motivar, de sentir e de partilhar. Quero deixar uma marca, mas sem deixar de ter prazer no que faço. Mais do que ser reconhecido. A vida é efémera e devemos homenageá-la com a nossa felicidade. Para haver sempre magia e sonho. A arte é uma surrealidade que nos prolonga, melhora e eterniza.

FALAMOS COM...

Pedro Seromenho





SEBASTIÃO FOMOS VER... PEIXOTO

A ILUSTRAÇÃO É UMA FORMA DE ESTAR E DE VIVER, MAIS QUE UM TRABALHO É UMA FORTE NECESSIDADE DE EXPULSAR LUZ OU SOMBRA QUE SE ACUMULAM NO MEU INTERIOR.

Sebastião Peixoto vive em Braga, licenciado em pintura pela Faculdade de Belas-Artes do Porto. Trabalha como ilustrador *freelancer*, colaborando com várias editoras como a Planeta, Leya, Porto Editora e La Fragatina. Já publicou trabalhos em vários *Fanzines*, Revistas e Jornais e participa regularmente em exposições coletivas de pintura e ilustração em Portugal e no estrangeiro.

Em 2012, o livro que ilustrou, «Quando eu for...grande», foi nomeado como melhor livro infantojuvenil pela Sociedade Portuguesa de Autores e editado na Colômbia e na China. Em 2014 venceu uma menção Honrosa no 7.º Encontro Internacional de Ilustração de S. João da Madeira, em 2016 foi selecionado para o catálogo Ibero-Americano de Ilustração e em 2017 ganhou um *Gold Award do Thesif Award 2017 (Seoul Illustration Fair)*.



Há coisas que a gente faz para ganhar a vida, há outras que a gente faz para salvar a vida. As que me salvam a vida são as que me dão mais prazer e mais trabalho.

Numa breve pesquisa sobre o Sebastião Peixoto, encontra-se rapidamente a alusão «ao mundo mágico». Acredita que, de facto, a ilustração pode ser sinónimo de magia?

Acredito que sim, no sentido em que exercendo o seu poder sedutor e encantatório é capaz de nos levar para outros lugares: um sentimento, uma emoção ou um pensamento.

Cada ilustração tem um significado especial? Tem alguma que lhe tenha dado particular gozo?

Como ilustrador freelancer tenho que fazer trabalhos distintos de modo a conseguir sobreviver economicamente. Naturalmente, uns dão mais prazer do que outros. Penso que foi o Manuel António Pina que disse qualquer coisa como: há coisas que a gente faz para ganhar a vida, há outras que a gente faz para salvar a vida. As que me salvam a vida são as que me dão mais prazer e mais trabalho.

O que representa para o Sebastião a ilustração?

Para mim, a ilustração é uma forma de estar e de viver, mais que um trabalho é uma forte necessidade de expulsar luz ou sombra que se acumulam no meu interior.

Descreva-nos o seu percurso, fale-nos dos projetos e dos prémios.

Sempre gostei de pintura e desenho, adorava principalmente o grafite e fiz a minha primeira exposição com 16 anos, em Braga. Vendi alguns trabalhos e lembro-me que deu para muitas sandes americanas :)! Decidi ir para Belas-Artes. Fiz a minha licenciatura em pintura, na Faculdade de Belas Artes do Porto sem grande convicção. Questionava constantemente a minha vocação e, por vezes, tornava-se insuportável. De seguida, dei aulas de educação visual e expressão plástica no primeiro ciclo durante um período de tempo não muito longo. Em simultâneo fui participando em algumas exposições coletivas e criei uma marca de T-shirts

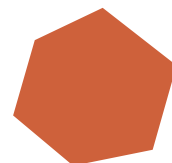
chamada zigoto, mas fiz uma série e ficou por aí. O primeiro trabalho que tive como ilustrador foi um manual escolar de português, da Livraria Arnado (chancela da Porto Editora) em resposta a um anúncio no Jornal de Notícias. Nem queria acreditar que tinha sido escolhido. Fui construindo, no meu tempo livre, um portefólio e enviei para algumas editoras, sem sucesso, até que uma, à qual eu nunca tinha enviado nada, entrou em contacto comigo para saber se estava disponível para





FOMOS VER...

ilustrar dois pequenos livros. Era a editora Angelus Novus. A partir desses livros não parei, até hoje. Tive a sorte de ser solicitado para vários projetos de natureza diferente ao longo dos últimos anos. Em 2012, um livro ilustrado por mim foi nomeado para melhor livro infantojuvenil, pela Sociedade Portuguesa de Autores. Fui selecionado, em 2016, para integrar o VII Catálogo Ibero Americano de Ilustração e, durante este ano, recebi um *Gold Award* num concurso lançado pela feira de ilustração de Seoul. Os últimos projetos que me deram mais prazer foram ilustrar um tema musical dos Mão Morta para a comemoração dos 25 anos do álbum *Mutantes S.21* e o cartaz para o Natal em Lisboa da EGEAC. Brevemente terei um segundo livro ilustrado por mim publicado na China.



FOMOS VER...

Acredita mesmo que uma imagem vale mais que mil palavras?

A expressão é mesmo isso: uma expressão indicativa do valor das imagens e da sua capacidade de comunicar ideias simples ou complexas através de recursos visuais, de forma eficiente e rápida. Há quem diga que “uma imagem vale uma imagem e mil palavras valem mil palavras”. O que importa são os significados possíveis e a abertura a múltiplas leituras que proporcionará a quem as lê/vê.



Que mensagens procura transmitir através do trabalho que faz?

É muito difícil responder a esta questão, geralmente quem as vê saberá muito melhor do que eu o que elas transmitem.



[Ilustrador] Não, não foi uma coisa que tenha querido ser! Foi-se desenvolvendo à medida que fui trabalhando. Sempre achei muito estranho começar a ilustrar ao mesmo tempo que publicava.

Naturalmente que tem de ilustrar em função de um texto, no caso dos livros, mas consegue falar-nos de onde surge a inspiração? Desde sempre quis ser ilustrador? Quando percebeu o caminho que queria seguir?

Geralmente leio o texto várias vezes e, ao longo desse caminho, vão surgindo ideias e vou descobrindo a atmosfera que quero dar às imagens. No entanto, isso varia muito de livro para livro. Se o texto me toca ou não, vai ser determinante para todo o processo. Em cada livro crio sempre uma pasta com várias imagens, desde fotografias a ilustrações, que me vão servir de referência e inspiração para o trabalho.

Não, não foi uma coisa que tenha querido ser! Foi-se desenvolvendo à medida que fui trabalhando. Sempre achei muito estranho começar a ilustrar ao mesmo tempo que publicava. Não tinha experiência nem nenhuma formação específica como ilustrador e isso fez com que fizesse coisas que me agradam menos, mas de qualquer modo se assim não fosse, possivelmente não teria acontecido.

Havendo vontade e desejo, o caminho aparece-nos diante dos pés.

FOMOS VER...

Sebastião Peixoto



OS NOSSOS PARCEIROS

EducArte: Educação Artística no Pré-Escolar

CCA leva Música e Dança aos mais novos de todo o concelho

Tendo por objetivo primordial o desenvolvimento harmonioso e integral de cada criança e a sua formação enquanto cidadã, o CCA – Centro Cultural de Amarante, Conservatório de Música e Dança Maria Amélia Laranjeira – tem no terreno, desde 2014, o projeto EducArte. Chega a 15 jardins-de-infância públicos do concelho, abrangendo quase 400 alunos, com idades entre os 3 e os 5.

Direcionado para a primeira infância, o EducArte leva a Música e a Dança diretamente ao infantário, tornando a aula num espaço de criatividade.

“Quando assumimos este projeto, pioneiro e inovador, tínhamos como principal missão, fazer com que todas as crianças do concelho de Amarante pudessem, de alguma forma, contactar com o Ensino Artístico da Música e da Dança, numa lógica de universalidade. Seja um aluno do Marão ou do centro da cidade, todos podem, desde que queiram, ter acesso ao Ensino Artístico. Os professores são exatamente os mesmos que temos a lecionar aqui no Conservatório e, por conseguinte, a qualidade da prática pedagógica está assegurada”, explica Taí Laranjeira, diretor pedagógico.

Assunção Monteiro, coordenadora dos jardins-de-infância de Amarante, sublinha a importância e o impacto do EducArte no dia-a-dia das crianças: “Quando fazemos a avaliação das atividades, todos dizem que gostam muito da Música e da Dança. Desde que o EducArte está a ser implementado, apercebo-me da alteração de comportamentos em alguns alunos – ficam mais desinibidos, mais ágeis e sobretudo mais despertos para o mundo artístico. Com o decorrer do projeto revelam níveis de concentração mais elevados e demonstram perceber o verdadeiro alcance da cultura de trabalho”.

O projeto pretende despertar na criança o gosto pela Música e pela Dança explorando capacidades como o sentido rítmico e melódico. EducArte estimula o desenvolvimento da fala, da capacidade auditiva e do espírito de grupo.

Este trabalho é realizado através de canções, de danças e da utilização de pequenos instrumentos musicais que motivem a criança a ter uma participação ativa e um melhor desenvolvimento na aula de Música e Dança.



Promover a socialização e a valorização das relações interpessoais; contribuir para uma maior identificação dos alunos com a escola, ao mesmo tempo que ajuda a construir percursos educativos integradores e a fomentar a articulação com áreas artística – são os principais pressupostos.

As competências do ensino artístico no pré-escolar visam afluir para uma perspetiva educacional global e artística, promovendo a igualdade de oportunidades e o desenvolvimento das crianças, mas também para uma forma de partilha facilitada de novos conhecimentos e vivências, numa dimensão social e ética, relativa aos valores e à cidadania, com vista ao incremento do sentido da Escola para com a formação pessoal e social dos alunos.

A avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, em cada nível de ensino e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades. A avaliação artística na Educação Pré-Escolar assume uma dimensão marcadamente formativa, desenvolvendo-se num processo contínuo e

interpretativo que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem, de modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando. Implicando um desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas às

características de cada criança e do grupo, a avaliação incide preferencialmente sobre os processos, entendidos numa perspetiva de construção progressiva das aprendizagens e de regulação da ação.

Avaliar implica a observação contínua dos progressos da criança, indispensável para a recolha de informação relevante, como forma de apoiar e sustentar a planificação e o reajustamento da ação educativa, tendo em vista a construção de novas aprendizagens. A avaliação formativa constitui-se, assim, como instrumento de apoio e de suporte da intervenção educativa, ao nível do planeamento e da tomada de decisões do professor do ensino artístico.





POESIA E MÚSICA

UAU!

A poesia é, sobretudo, ritmo e a sua compreensão continua a depender dos modelos orais e do canto. Se, de facto, há algo que distingue a poesia dos outros tipos de texto literário não é, desde logo, as figuras de estilo, que existem em ambos, mas o sentido do ritmo melódico e fónico que domina a poesia.

Estamos convencidos de que a poesia «se diz» não só através das palavras, das ideias e dos pensamentos que guarda e expressa, mas também pelo modo como se diz, sendo difícil «chegar» ao possível sentido de um poema sem ter em conta o seu ritmo, a sua «respiração» fonética. Diríamos mesmo que a poesia é o tipo de texto literário em que a harmonia entre forma e conteúdo melhor se concretiza.

No sentido de aprofundar a relação entre poesia e música, pedimos breves apontamentos sobre o tema a André Costa Magalhães, vereador da Câmara Municipal de Amarante, Cidade da Música 2018, a João Almeida, diretor da Antena 2, a Mário João Alves, cantor lírico e escritor de LIJ, aos responsáveis do projeto Zéthoven e a Inês Vila, diretora da Biblioteca Municipal de Ílhavo, que viu recentemente o projeto «Ao som das histórias» ser premiado.

Amarante, Cidade da Música

O poder da música



Desde outubro de 2017 Amarante passou a integrar a Rede das Cidades Criativas da UNESCO (RCCU), na categoria da música. Esta é uma distinção de enorme prestígio mundial e que acarreta não só inúmeras oportunidades, mas acima de tudo a responsabilidade e o compromisso de afirmar a criatividade como um fator fundamental no desenvolvimento do nosso concelho.

UNESCO é para muitos de nós sinónimo de direitos humanos, desenvolvimento sustentável, diálogo intercultural, criatividade e muitos outros conceitos relacionados com o valor e a dignidade do ser humano. É por tudo isto que devemos encarar esta distinção com honra, humildade e responsabilidade.

Ao longo de todo o processo de candidatura foi possível reforçarmos a convicção de que Amarante é, indubitavelmente, uma cidade de cultura e criatividade. A sua riqueza e diversidade cultural foram aspetos presentes ao longo dos tempos e são, ainda hoje, parte marcante da identidade do concelho. Da literatura às artes plásticas, da música ao teatro, várias formas de manifestação artística têm coexistido pela vida e ação de pessoas, grupos e instituições, que de forma muito meritória contribuíram para a criação de um valiosíssimo património cultural que devemos preservar, promover e potenciar.

Quando nos decidimos candidatar à RCCU, um dos objetivos foi precisamente o de reconhecer o valor e a importância desse património, sendo em si mesmo um gesto de agradecimento a todos aqueles que ao longo do tempo, e apesar das inúmeras adversidades, enriqueceram e marcaram a cultura amarantina. Mas a adesão à rede não se limita a obter da UNESCO esse reconhecimento. Ela implica um compromisso para o futuro, e é aí que reside o nosso maior desafio: promovermos o desenvolvimento de Amarante por via das indústrias criativas, e em particular, por via da música.

Este é um objetivo e uma responsabilidade que assumimos para com a UNESCO, todas as cidades da rede, os amarantinos e, em particular, a comunidade artística do concelho. Todos são partes interessadas e fundamentais para que esta visão seja materializada. Na verdade, sentimos que o verdadeiro desenvolvimento só pode ser alcançado quando é construído numa base comunitária, em que todos são chamados a participar e contribuir. Tem de ser um processo de cocriação, havendo espaço para a diversidade e onde as dinâmicas de interação e colaboração são promovidas e incentivadas.

A atitude e qualidade do trabalho desenvolvido pelos diferentes agentes culturais do concelho dão-nos a garantia de que é possível alcançarmos o objetivo a que nos propomos. Queremos apoiar os agentes do concelho, fazer de Amarante um “palco” de excelência para a criatividade, alargar horizontes e criar sinergias com parceiros de todo o mundo. Pretendemos capacitar a comunidade local por via da cooperação internacional. De forma clara e inequívoca, afirmamos bem alto, de Amarante para o mundo, que a nossa identidade cultural, não só faz parte do nosso passado, mas certamente será uma base para o futuro que queremos criar.

A música tem esse poder. O de unir e transformar uma sociedade!



André Costa Magalhães
Vereador Câmara Municipal de Amarante



Música e literatura Infantil e Juvenil

A música serve não apenas para nos entreter, mas até para nos definir, como uma espécie de banda sonora da nossa vida ou da nossa comunidade. Cada um de nós recorda obras que nos marcaram, que suscitaram uma emoção forte. Podem despertar também simples admiração pela beleza, génio ou originalidade, reveladas tanto pelo intérprete como pelo autor.

Tal como os países e as revoluções têm hinos, também cada um de nós tem um mapa de empatias musicais. E é uma teia que se constrói desde pequeno, com melodias rudimentares a plantar as primeiras sementes. *Todos os patinhos, passarinhos a bailar, doidas andam as galinhas...* quase sempre há uma narrativa com animais para estimular a fantasia dos catraios. E não é de agora.

Há séculos que a música clássica experimenta o casamento entre as fábulas e os instrumentos de orquestra. Muitos foram os compositores que souberam ilustrar o imaginário infantil. O *Carnaval dos Animais* de Saint-Saens, a *Suite Quebra-Nozes* de Tchaikovsky ou *Pedro e o Lobo* de Prokofiev, permanecem indelévels na cultura ocidental.

Na parte que me toca, tenho dois filhos e recorri frequentemente à música enquanto lhes lia uma estória. A *Suite Bergamasque* de Debussy ou as *Gimnopedias* de Satie serviram para os mergulhar numa delicada fantasia. Alguns contos foram sonorizados com o condão melódico do trompetista de jazz Chet Baker, e algumas narrativas mais excêntricas e surpreendentes conviveram com as experiências vocais de um compositor contemporâneo como Stockhausen. Claro que também recorri a músicas bem divertidas e bastante na moda, como a famosa *Asereje das Ketchup*, que no refrão desencadeava cá em casa a maior doidice possível em matéria de movimentos.

A música para filmes foi também uma porta de entrada para alguns exercícios de imaginação, antes mesmo de vermos as imagens a que diziam respeito. Assim escutámos a música de Korngold ou de Bernard Herrmann antes de delirarmos com uma cena de capa e espada com Errol Flynn ou antes de pormos os nervos à prova com uma intriga assassina de Hitchcock.

Na verdade, a música serviu para quase tudo porque se liga facilmente a quase tudo: a uma dança tal como a um filme, claro, mas também a uma estátua, uma pintura, uma paisagem, um clima, uma memória, uma atitude, um silêncio, e a um livro, qualquer livro, inclusive aquele que ficará por escrever: o livro que contaria a vida de cada um de nós, ao som de muitas músicas.

João Almeida

Diretor da Antena 2



Música e Papel



Se a música tem um papel tão importante nas nossas vidas e se um papel se torna tão importante ao transformar-se em livro, falemos de papel. Falemos do papel da música e do papel do livro. Folheemos um e escutemos o outro, começando pelo de folhear que é o que melhor se vê.

Nos livros infantojuvenis predomina o papel com palavras ordenadas e ilustrações que sugerem imaginários ou espaços em branco para ativar os imaginários de quem lê. Figuras que reengendram as palavras e incendeiam os olhares assim que calcam as bermas das frases. Que dão às palavras cores e formas mais ou menos legíveis, inteiras ou quase inteiras, que em muitos casos quase se conseguem ouvir...como música. Com o passar do tempo, parece ganhar terreno a ilustração como meio de semear imaginários.

Terá a palavra perdido fulgor?

Também a música se derrama sobre palavras ou sobre imagens, colorindo imaginários. E tal como as boas ilustrações, deixa sempre aquele espaço à criação de quem a ouve. É esse o seu papel. Papel que não se toca, mas que nos toca, que nos invade de mansinho fazendo, porém, somente um cerco onde engendramos a nossa própria casa.

É também com esta voz que a música se derrama nos poemas a que depois chamamos canções. Que acelera ou sossega verbos mais ou menos irrequietos, amplifica ou abre em leque adjetivos generosos, ilustra descrições coloridas e sublima os substantivos de que mais gostamos. Mas também aqui, com o passar do tempo, a música parece ir aplanando as palavras.

Terá a palavra perdido fulgor?

Pensaremos nisso quando somos confrontados com as dificuldades de leitura, de escrita, de expressão, problema transversal num mundo mergulhado em informação?

A música com que hoje nos fazem cerco tende a sugar da palavra somente o som e não tanto o seu valor poético e nutritivo. E talvez seja esse valor nutritivo da palavra, o motor para que a música e as imagens tenham um melhor papel.

A música pode ser, afinal, a concretização da palavra já lida, acrescento à palavra que aí vem, subsídio à ideia contada. Com o seu poder de mudar, moldar, apaziguar, elevar. Assim como aquele livro nos inquietou ou deixou suspensos, felizes, vingados, preocupados, de alma despida. Livro e música são instrumentos de viagem para os mais pequenos. São um novo mundo, nova porta porque entram e vasculham.

Acredito que possam partilhar este interminável papel.

Mário João Alves

Cantor lírico e escritor



UAU!



O Projeto Zéthoven



O Projeto Zéthoven é um projeto cultural que tem como objetivo o crescer da criança como ser humano através de uma parceria com a música. Assim, a partir dos três anos de idade as crianças mantêm contacto regular com a mesma e com uma série de atividades que lhes permite o desenvolvimento motor e intelectual. A apresentação pública dessas atividades é sempre o desaguar de todo o trabalho, pois a motivação das crianças é sempre maior quando vê reconhecido o seu esforço e empenho.

Desde concertos a audições, passando pelas gravações de CD's e programas de TV, o Projeto Zéthoven, apesar de ser um projeto essencialmente formativo, deixa as crianças com suficientes vivências e conhecimentos de modo a que as mesmas, no futuro possam enveredar pelo ensino de qualquer das classes frequentadas.

Do ponto de vista pedagógico funciona ao contrário do que é habitual no ensino da música, ou seja, primeiro leciona a prática e só depois a teoria pelo facto de esta segunda ser de mais fácil assimilação quando já foi executada.

Dentro do Projeto existe a variante “Xuxa com notas” dedicado às crianças dos 3 aos 5 anos. Tem como principais objetivos o desenvolvimento da memória auditiva, da coordenação motora e do sentido de estética. Também as crianças desta atividade têm a possibilidade de realizar audições públicas muito importantes no desenvolvimento da sua autonomia.

Também dentro do Projeto Zéthoven existe o projeto “Plante 1 Músico” focado na descentralização cultural, privilegiando as crianças oriundas de meios rurais assim como as oriundas de famílias com baixos rendimentos. Tem como objetivos o proporcionar experiência musical assim como o encaminhar profissional através de parceria com a EPABI. É constituído por 5 grupos de Percussão e 3 Coros perfazendo cerca de 120 crianças, oriundas das Escolas Serra da Gardunha (Fundão), EB 2/3 do Tortosendo, Sabugal e Covilhã.

O Projeto é apoiado pela Fundação Gulbenkian e empresas locais. São inúmeros os exemplos de atuais músicos profissionais que tiveram no Projeto Zéthoven o seu primeiro contacto com a música tendo sido fator de motivação para o prosseguimento da carreira. O projeto tem 7 CD's gravados e mais de 50 000 crianças, de norte a sul, já tiveram contacto com o mesmo.



Ao Som das Histórias

Com o objetivo de cumprir uma das missões veiculadas no Manifesto da Unesco para as Bibliotecas Públicas, “criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças”, em 2011, a Biblioteca Municipal Ílhavo (BMI) desafiou a Rádio Terranova a criar um programa semanal, que dinamizasse a leitura de histórias destinadas a crianças e não só.

A primeira história foi para o ar a 5 de outubro de 2011. Desde então, todas as semanas, crianças e adultos; autores — escritores, ilustradores, músicos..., pessoas mais ou menos conhecidas do panorama literário, musical e cultural português: Afonso Cruz, André Letria, António Mota, António Torrado, António Zambujo, David Machado, João Manuel Ribeiro, João Pedro Méseder, João Vaz de Carvalho, Luísa Ducla Soares, Luísa Sobral, Madalena Matoso, Maria João Abreu, Miguel Ângelo, entre outros —, bem como numerosos membros da sociedade civil ilhavense, professores e pais das crianças envolvidas, têm dado voz às histórias, contribuindo para o sucesso e cumprimento do objetivo: levar mais longe a BMI, as Histórias, o Livro e a Leitura.

O programa ***Ao Som das Histórias*** vai para o ar, em 105.0 FM, todas as quartas-feiras às 18h40, repetindo aos sábados, às 09h45. As histórias lidas semanalmente, podem ser requisitadas na Rede de Bibliotecas de Ílhavo: Biblioteca Municipal, Polos de Leitura e Bibliotecas Escolares.

Depois de emitida, o *podcast* da história é disponibilizado no *site* e no *Facebook* da BMI, e no *site* da Rádio Terranova. O seu *link* é também disponibilizado no Catálogo da BMI, no respetivo Registo Bibliográfico da história que foi lida. O livro fica em destaque durante a semana no balcão da receção da BMI, disponível para ser requisitado por todos.

Para cada rubrica do programa “Ao som das histórias” existe um trabalho prévio que envolve a equipa da BMI.

Numa primeira fase, são selecionadas as histórias a serem lidas na Rádio. De quinze em quinze dias essas histórias coincidem com as diferentes atividades desenvolvidas na BMI, seja na Hora do Conto, Clubes de Leitura ou visitas às Bibliotecas Escolares.





PRÉMIO
BOAS PRÁTICAS
EM BIBLIOTECAS
PÚBLICAS
MUNICIPAIS
2016



Um programa na
Rádio Terranova (105.0 FM)

Quartas-feiras 18h40
Sábados 09h45

A seleção, consideravelmente rica e diversificada, permite o contacto com distintas variantes da língua portuguesa, europeia, brasileira e africana, e cosmovisões igualmente variadas, permitindo a perceção de elementos identificadores de distintas culturas e momentos, para além de linguagens e estilos literários, consideravelmente múltiplos. E ainda que se privilegiem textos coesos, capazes de funcionar sem o apoio da ilustração. Este elemento acaba por estar também presente, dado que as obras são expostas na BMI, permitindo aos interessados o contacto com a materialidade do livro (que a rádio não integra). Essa seleção tem ainda em consideração os dias comemorativos ou especiais — Natal, Carnaval, Dia do Pai, visitas dos autores, etc..

A segunda fase do projeto consiste no convite e na gravação das histórias. São parceiros deste projeto, todos os anos letivos, as crianças alunas do 4.º ano dos três Agrupamentos de Escolas do Município de Ílhavo, que em grupo são convidadas a ler uma história em representação da sua escola.

No passado dia 5 de outubro, o **Ao Som das Histórias** assinalou seis anos de “histórias”, tendo, ao longo deste tempo, sido lidas 317. Nesse mesmo mês de outubro, o projeto “Ao Som das Histórias” acabaria por estar na origem da atribuição, à BMI, pela Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, do Prémio Boas Práticas em Bibliotecas Públicas Municipais, na sua 3ª edição. O júri destacou a envolvimento da biblioteca pública, bibliotecas escolares, educadores, autores e instituições regionais em prol da promoção da leitura, num momento em que as bibliotecas abraçam novas valências e beneficiam das novas tecnologias para potenciar as suas atividades junto da comunidade.

Inês Vila

Diretora da Biblioteca Municipal de Ílhavo



UAU! POESIA E MÚSICA

São muitos e variados os livros com CD Áudio, em que as histórias são contadas e os poemas são ditos e interpretados. Correndo o risco (assumido) de não falar de todos, permitimo-nos destacar aqui os seguintes.

1. Histórias e Canções em Quatro Estações

Histórias e Canções em Quatro Estações - Verão

de Carlos Correia, Luísa Ducla Soares, Maria Rosa Colaço e Sérgio Godinho

Música de **Sérgio Godinho**

Histórias e Canções em Quatro Estações - Inverno

de Maria Alberta Menéres, Álvaro Magalhães, António Torrado e M. Isabel de Mendonça Soares

Música de **Tozé Brito**

Histórias e Canções em Quatro Estações - Primavera

de Matilde Rosa Araújo, Leonel Neves, Ilse Losa e Alexandre Honrado

Música de **Carlos Alberto Moniz**

Histórias e Canções em Quatro Estações - Outono

de Alice Vieira, Natércia Rocha, Carlos Pinhão e Ricardo Alberty

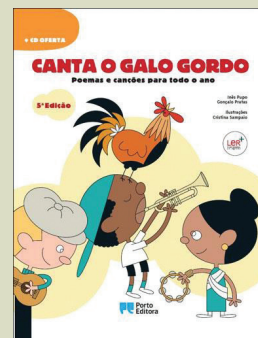
Música de **José Cid**



UAU!

2. O Galo Gordo

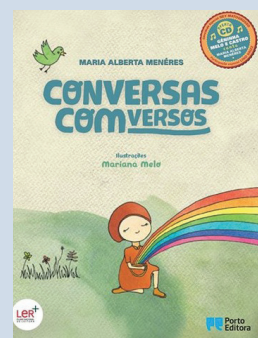
Como escreve Sara Reis da Silva, em sinopse de *A Casa da Leitura* a propósito de *Canta o Galo Gordo – Poemas e Canções para todo o Ano* (2008), “propõe-se um contacto precoce e contínuo com a poesia cantada/musicada. Tendo como princípio a convicção e a consciência das vantagens que o convívio com esta arte possui ao nível do desenvolvimento cognitivo e afectivo, esta obra oferece um conjunto muito variado quer ao nível temático, quer ao nível da própria música. Sem didatismos, mas tendo como matéria inspiradora alguns dos conteúdos que se aprendem durante o crescimento (como as cores, as estações e os meses do ano ou as partes do corpo, por exemplo), os poemas jogam com as palavras e evidenciam um ritmo muito apelativo.”



Julgamos que estas palavras se aplicarão aos livros da mesma série: *Galo Gordo - O mundo é redondo* (2015) e *Galo Gordo - Este dia vale a pena* (2012).

3. Conversas com versos (2014)

Projeto assinalável, a todos os títulos, são as *Conversas com versos* (a 1.ª edição é de 1968, de Maria Alberta Menéres), em nova edição da Porto Editora, «agora completada musicalmente» pela composição e interpretação de Géninha Melo e Castro, filha da autora e participações especiais de Ney Matogrosso e Lino Krizz. Este livro, além do CD de Oferta com as gravações de (apenas) 11 poemas do livro, inclui também as pautas musicais, para que possam ser usadas e trabalhadas em âmbitos educativos diversos.



4. Dois dedos de Conversa (2017)

A 2.ª edição de *Dois Dedos de conversa*, de Carmen Zita Ferreira (Trinta por uma linha, 2017) inclui um CD Oferta, com músicas de Paulo Honório Ferreira e Jorge Gonçalves. A interpretação dos 13 poemas está a cargo de Carmen Zita Ferreira, Inês Sofia Ferreira Neves, Rita Correia Ferreira, Ana Paula Ferreira Neves, Vitor Manuel Ferreira dos Santos, Diogo Miguel Ferreira dos Santos.



5. A parceria de Daniel Completo com Luísa Ducla Soares / José Fanha / José Jorge Letria

Daniel Completo licenciou-se em Educação Musical e iniciou a sua actividade como professor do ensino básico no ano de 2000. Unindo a música com as palavras, Daniel Completo esteve ligado a um dos mais genuínos registos da Música Tradicional Portuguesa integrando o grupo “Ronda dos Quatro Caminhos” durante 15 anos, trilhados na década de 80 e 90. Depois de editar vários trabalhos infantis *Cantarolando ao Sul* (2006), *Histórias de Embaralhar* (2007), *No Reino da Abecelândia* (2008), *Aqui Ali e Além...* (2009), a partir de 2010 começa a compor e interpretar textos de Luísa Ducla Soares, José Fanha e José Jorge Letria.

Com **Luísa Ducla Soares** publicou os seguintes Livros-CD:

Brincar com as Palavras (2010)

O Som das Lengalengas (2011)

Lendas e Romances (2012)

O Jantar dos animais (2013)

O Som das Palavras (2015)

O Eco da Ecologia (2015)

Quem dá asas às palavras (2016)

Dos pés à cabeça (2016)

Três amigos muito divertidos (2017)



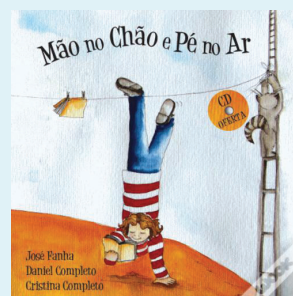
Com **José Fanha** publicou os seguintes Livros-CD:

Mão no chão e pé no ar (2014)

O Baile do Bê-á-bá (2016)

Cantigas e Cantigos – Mais modernos e mais antigos (2016)

Três amigos muito divertidos (2017)



Com **José Jorge Letria** publicou os seguintes Livros-CD:

Uma vida de Papel (2017)



UAU!

UAU! POESIA E MÚSICA

LEMOS, GOSTAMOS E...



OLHOS TROPEÇANDO EM NUVENS...

João Pedro Méseder (pseudónimo de José António Gomes) é, na opinião de muitos, o

maior poeta português para a infância e a juventude. Bastará seguir com atenção o seu percurso literário para compreender que não se limita aos jogos poéticos nem à reinvenção da tradição popular, mas produz verdadeira poesia, disparada ao coração e à inteligência, poesia que provoca o pensamento, que conduz à estranheza verbal e concetual, sem abandonar nunca o precioso e minucioso trabalho com as palavras e a linguagem.

Neste *Olhos Tropeçando em Nuvens e Outras Coisas - Haicais ou Quase* (edição da Caminho), o poeta tem o propósito claro de, por um lado, dar a conhecer o pequeno poema de três versos, sem título nem rima, chamado haikai ou haiku, tão popular no Japão, cujo grande cultor foi Matsuo Bashô (1644-1694), e por outro, desafiar o leitor a compor os seus próprios poemas.

Na introdução, o poeta explica ainda que inicialmente o haikai tinha dezassete sons elementares (ou sílabas métricas, cinco, sete, cinco, respetivamente no primeiro, segundo e terceiro versos) e fazia sempre referência a uma estação do ano, regras que hoje não são cultivadas pelos cultores deste tipo de texto. O importante, e que se mantém, é a atenção às pequenas coisas da natureza e não só. E, em poucas palavras, fixar no haikai um momento especial da vida, que pode ser alegre, cómico até, ou triste, um momento cheio de beleza ou mesmo feio.

João Pedro Méseder & Rachel Caiano (2017).
Olhos Tropeçando em Nuvens e Outras Coisas - Haicais ou Quase.
Lisboa: Caminho.



O RAPAZ DO NARIZ COMPRIDO

Quando os mestres se encontram para fazer nascer um livro, só pode nascer uma obra-prima!

É o caso de *O rapaz do nariz comprido e outros contos* escrito por Luísa Ducla Soares e ilustrado por João Vaz de Carvalho, numa edição dos Livros Horizonte (novembro de 2017).

Três dos quatro textos que compõem o livro foram anteriormente publicados, o que não retira qualquer relevância ao livro, pelo contrário, oferece antes aos pequenos leitores contos que estavam já envolvidos pelo fumo do tempo e do esquecimento.

Como em toda a escrita de Luísa Ducla Soares, estes contos breves pautam-se por uma simplicidade (ou lisura) que incomoda positivamente os adultos, mas é querida (e reclamada) pelos pequenos leitores. Em termos de trama ou argumento, os contos captam a atenção (e entendimento) do leitor, desde a primeira à última palavra.

Em diálogo com a lisura formal e com a(s) temática(s) estão as ilustrações de João Vaz de Carvalho. No seu estilo inconfundível, as personagens, apesar de diversas e circunscritas a cada conto, pelo seu carácter humorístico bem como pela continuidade de tons e cores, situam-se num contexto de linearidade que oferece ao livro uma fantástica unidade visual. Note-se, a este título, a abundância de animais que povoa o livro e que mostra como, nos livros de literatura para crianças, a componente visual (e não só a ilustração, mas também o *lettering* e outros detalhes como, por exemplo, a distribuição do texto), se “bem casada” ao texto, forma com ele uma unidade de sentido capaz de suscitar movimentos inferenciais sublimes.

Luísa Ducla Soares & João Vaz de Carvalho (2017).
O rapaz do nariz comprido e outros contos.
Lisboa: Livros Horizonte.

RECOMENDAMOS.



O CUQUEDO E UM AMOR QUE METE MEDO

Depois de em 2011, Clara Cunha e Paulo Galindro nos terem dado a conhecer *O Cuquedo*, eis que agora nos oferecem uma história com o mesmo protagonista-herói, em *O Cuquedo e um amor que mete medo* (livros Horizonte, 2017).

Depois do parágrafo inicial, somos informados de que o Cuquedo andava preocupado por não ter uma namorada para casar. É então que, escondido no arvoredado, se põe a cantar: “- quem quer, quem quer / casar com o Cuquedo / que se esconde no arvoredado / prega sustos que metem medo?”. Segue-se um desfile de animais que mostram ao Cuquedo que sabem assustar, mas sem o convencer. Até que, por fim, aparece uma Cuqueda que sabe assustar e com quem o Cuquedo vai casar! Tal enlace tornou-se um problema para os animais da selva que passam a viver assustados.

Adequadas à personagem e ao cenário da história, as ilustrações são densas, povoadas de pormenores, numa alternância entre cores escuras (o verde da selva) e claras, presentes quando os animais “gritam” para provocar o susto. Neste aspeto, dois pormenores sobressaem: a dupla página relativa ao guincho da macaca, em que a imagem “parece estar” ao contrário, o que, bem vistas as coisas, leva o leitor a pensar que assim é, de facto; a dupla página final, que tem uma espécie de badana que fecha a porta da história e esconde no verso a Cuqueda.

Estamos diante de um livro concetualmente forte, numa simbiose entre texto e ilustração, seguramente capaz de arrancar emoções fortes (sustos?) aos mais pequenos e não só, se bem contada e bem mostrada.

Clara Cunha & Paulo Galindro (2017).
O Cuquedo e um amor que mete medo.
Lisboa: Livros Horizonte.



PÓ-PÓ-PÓ, TIROLIROLIROLÓ

Este *Pó-pó-pó, tiroliroliroló* (Trinta por uma linha, 2017) é a 3.^a antologia poética

com que o poeta e escritor João Manuel Ribeiro assinala os 10 anos de vida literária, sucedendo a *E para o poeta outro modo de olhar* e a *Poemas da Bicharada*.

Ao universo da escola, presente nos poemas inaugural e final bem como nos poemas «Rei de papel» e «O fruto do saber», associam-se ainda as temáticas da alimentação, em «O senhor lambareiro», do amor, em «Entrelinhas», «quadras soltas para o meu amor», «Casa de papelão», entre outras não classificáveis, como em «Feitos Improváveis» e «Canção da lagarta pintada»

seleção destes poemas foi feita a pensar na sua potencialidade musical, que os professores de música e músicos João Pereira e Nuno Brito souberam captar, vocal e melodicamente, através de um cuidado trabalho de composição, instrumentação e interpretação. As melodias, pensadas para um público infantil e juvenil, têm a virtualidade de agradar também aos adultos. Para que a leitura e audição dos poemas possa ser uma experiência global, o livro inclui CD de oferta com a interpretação musical de todos os poemas / canções.

Surpreendente neste livro é também a ilustração de José Cardoso, numa explosão de cor e profusão de figuras geométricas, que começa nas guardas e se estende a todo o interior. Pela ilustração, percebe-se que estamos diante de uma coletânea de temática variada, congregada por uma dinâmica concetual (de ilustração e design) que lhe confere uma unidade identificável.

João Manuel Ribeiro, José Cardoso & João Pereira,
Nuno Brito & João Vaz de Carvalho (2017).
Pó-pó-pó, tiroliroliroló.
Porto: Trinta por uma linha.

APROVEITA E EXPLORA

DICAS DE ESCRITA

De que são feitas as histórias?

1 – Quem são eles?

A Sara, o Gabriel, Pirata, o cão.

2 – Onde é que eles estavam?

Em casa dos avós.

3 – Quando?

Numa tarde em que a chuva não parava de cair.

4 – O que eles foram fazer!

Foi assim que tudo começou.

A Sara e o Gabriel decidiram ensinar o Pirata a andar de *skate*, no corredor da casa.

Que confusão!

O Pirata recusou-se a trepar para cima do *skate*.

Tentou fugir várias vezes.

O Gabriel e a Sara foram insistindo.

O Pirata começou a colaborar.

Conseguiu equilibrar-se com segurança.

Ganhou velocidade e atravessou o corredor numa corrida veloz.

Tinha de acabar assim!

O Pirata embateu na vitrina onde estava exposta a coleção de mochos da avó Sofia.

Os vidros das portas da vitrina partiram.

Vários mochos espalharam-se pelo chão.

A Sara propôs ao Gabriel serem eles a pagar o conserto da vitrina com o dinheiro dos seus mealheiros.

Vitória! Vitória!
Temos material para escrever uma história!

Uma história tem várias componentes:

- **Personagens** → quem age, isto é, quem pratica as ações que fazem avançar a história (a Sara, o Gabriel e o Pirata);
 - **Ação** → o que acontece – série de pequenos factos, que se vão desenrolando ao longo do tempo (desde o início – decisão de ensinar o Pirata a andar de *skate* –, passando pelas peripécias da lição, até ao desenlace da história – a vitrina partida e os mochos pelo chão);
 - **Espaço** → onde se passa a história (a casa dos avós);
 - **Tempo** → quando se passa a história (uma tarde de chuva)
- e, ainda,
- **Narrador** → quem conta a história.





1.ª tarefa - Organizar

Organizar a história é fazer a ligação entre os elementos que a compõem, ordenando as ações numa sequência lógica, isto é, seguindo a ordem de **princípio** → **meio** → **fim**.

Observa, então:

A Sara e o seu primo Gabriel foram passar a tarde a casa dos avós.

Como a chuva não parava de cair, era impossível sair de casa para brincar ao ar livre.

Decidiram, **então**, ensinar o Pirata a andar de *skate*, no corredor da casa. **No início**, o Pirata recusou-se a trepar para cima do *skate* e tentou fugir várias vezes, **mas** o Gabriel e a Sara foram insistindo, **até que** o Pirata começou a colaborar. Conseguiu, **finalmente**, equilibrar-se com segurança, foi ganhando velocidade **até que** atravessou o corredor numa corrida veloz.

Com grande estrondo, Pirata e *skate* foram embater na vitrina onde estava exposta a coleção de mochos da avó Sofia. **Imediatamente** se partiram os vidros das portas da vitrina e vários mochos se espalharam pelo chão.

Uma história organizada implica um texto bem articulado, isto é, um texto cujas partes e cujas frases se encontrem bem ligadas entre si. Há palavras e expressões que têm a função de fazer essa ligação. Destacámos aquelas que utilizámos no texto acima. Observa-as.

2.ª tarefa - Ampliar

O texto apresentado acima funciona como se fosse o “esqueleto” da história, uma vez que integra todos os elementos necessários para que ela “se mantenha de pé”, isto é, para que a história faça sentido e se compreenda. Mas as histórias que costumamos ler são muito mais “ricas”, isto é, referem pormenores interessantes e desenvolvem os acontecimentos de maneira a transformar ideias, por vezes muito simples, em histórias muito divertidas e agradáveis de ler. Para isso, é necessário pensar em duas coisas: **o que dizer** e **como dizer**. É o que vamos fazer de seguida.

1. AS PERSONAGENS

Gabriel

O que dizer?

Primo da Sara. Olhos escuros e cabelo despenteado; divertido e muito ativo.

Como dizer?

O Gabriel é o primo preferido da Sara. Os seus olhos escuros, muito vivos, e os cabelos sempre no ar não enganam: é um miúdo divertido e que não sabe estar quieto.

Sara

O que dizer?

Olhar calmo; cabelo louro e liso, preso ou entrançado. Sossegada, embora goste de brincar.

Como dizer?

A Sara é uma menina de olhos doces e cabelo louro, muito liso, que costuma usar apanhado num rabo de cavalo ou numa trança feita de lado, a cair sobre o ombro. Apesar de ter a mesma idade do Gabriel, é mais calma, embora goste de alinhar nas brincadeiras do primo.



Pirata

O que dizer?

Rafeiro de pelo crespo; branco com manchas acastanhadas; muito ativo.

Como dizer?

O Pirata é um rafeiro arraçado de pelo de arame, com manchas acastanhadas em fundo branco, quase sempre mais bege que branco, graças à sua mania de se rebolar no pátio. O pelo eriçado dá-lhe um ar atrevido e bem-disposto.

2. O LUGAR / ONDE?

O que dizer?

A casa dos avós era antiga, com compartimentos grandes e um longo corredor.

Como dizer?

Os avós moravam numa casa enorme, já antiga, que fazia as delícias do Gabriel e da Sara: as salas enormes e cheias de recantos eram o espaço ideal para jogas ao esconde-esconde; o extenso e largo corredor, que atravessava a casa de ponta a ponta, era um convite para umas belas corridas. Quando a avó não estava por perto, é claro!

3. O TEMPO / QUANDO?

O que dizer?

Numa tarde em que a chuva não parava de cair.

Como dizer?

Ainda não era inverno, mas a chuva já tinha chegado e parecia querer ficar. A tarde já ia a meio e as nuvens, carregadas, continuavam a peneirar uma chuvinha miúda, teimosa. Impossível brincar no pátio!

4. O QUÊ?

O que dizer?

A Sara e o Gabriel decidiram ensinar o Pirata a andar de *skate*, no corredor da casa. O Pirata recusou-se a trepar para cima do skate e tentou fugir várias vezes. O Gabriel e a Sara foram insistindo. O Pirata começou a colaborar e conseguiu equilibrar-se com segurança. Ganhou velocidade e atravessou o corredor numa corrida veloz. Embateu na vitrina onde estava exposta a coleção de mochos da avó Sofia. Os vidros das portas da vitrina partiram e vários mochos espalharam-se pelo chão.

Como dizer?

Maldita chuva que os tinha fechado em casa! Como iriam eles ocupar uma tarde inteira, ainda por cima, com o Pirata a fazer piruetas e a rosnar aos gatos que via pela janela? Sara e Gabriel já tinham experimentado uma dúzia de jogos, já tinham ouvido meia dúzia de músicas, mas o tempo parecia ter parado. Nunca mais chegava a hora do lanche. Até que, a certa altura, o Gabriel levanta-se do sofá com uma ideia luminosa [...]

E assim por diante.... Iremos contando de maneira sugestiva a sequência das ações até ao desfecho da história.

Para ampliar a história:

- **caracterizámos as personagens** → fizemos o seu retrato com palavras, isto é, dissemos algumas das suas características físicas (estatura, cor dos olhos e dos cabelos, expressão do olhar, penteado, vestuário...) e psicológicas (o que sentem, daquilo que gostam, como se comportam...).
- **descrevemos o espaço.**
- **descrevemos o tempo** (referimos o momento do dia e o estado do tempo).

Maria da Conceição Vicente
(Do livro inédito *De que são feitas as histórias?*)



Ilustrações de Fedra Santos dos livros da coleção *Os tesouropatas*, da Trinta Por Uma linha.

De que são feitas as histórias?

A PALAVRA É TUA!

Pequenos grandes escritores

Nesta rubrica, damos vez e voz aos pequenos grandes escritores.

Para este n.º 2, o desafio, a partir da leitura do livro *A Casa Grande*, era o de escrever um *Conto Breve* sobre algum dos temas propostos no livro... ou o de redigir um *Manifesto de Cidadania*.

Não houve qualquer participação na modalidade de Conto, havendo várias participações na modalidade Manifesto.

O trabalho premiado é o que se segue.

MANIFESTO DE CIDADANIA POR UM MUNDO MELHOR

Somos crianças com muito para manifestar
E neste Manifesto o vamos demonstrar
OMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMM
Tudo de bom para ti
Tudo de bom para mim
Tudo de bom para o Universo
OMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMM
O MUNDO É UMA CASA GRANDE
Sem portas e sem janelas
Continuamente em construção
Queremos o MELHOR para o MUNDO
Queremos que tenha coração
OMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMM
Que os seus alicerces sejam o amor
E que o sonho seja o fermento para o fazer crescer
Na nossa forma de estar, brincar e viver com valor
Que sonhar seja o respirar de cada um
Sempre a renascer para o bem comum
OMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMM
Que os seus operários cresçam em sabedoria
E perfumem o MUNDO com poesia
PERLIM PIM PIM
Que o seu perfume seja “Intenso”
Com música a brotar do seu corpo
OMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMM



Só será cidadão desta CASA
Quem não praticar bullying, racismo, guerra ou egoísmo
OMMM

Queres ser cidadão desta casa?
Então aceita as suas regras:
Sê verdadeiro, vive às claras,
Joga fora as manhas do coração,
Fala a língua do amor,
E defende a integração de todos.

Repetimos:
TODOS IGUAIS, TODOS DIFERENTES!
OMM!

The top illustration shows a character with a mustache and a cowboy hat, holding a cigar. The middle illustration shows a character in a police uniform with a star on the hat and shirt, standing in front of a building labeled 'Polícia'. The bottom illustration shows a character in a black leather jacket and a large red bow tie, holding a guitar.

Embora não se encontre dentro do regulamentado, decidimos publicar (e premiar assim) o cartaz que se segue, enviado pelos alunos da Escola Básica Professor José Joaquim Rita Seixas, do agrupamento de Escolas Alfredo da Silva, no Barreiro.



A PALAVRA É TUA!

A CASA

JOÃO MANUEL RIBEIRO . JOÃO VAZ DE CARVALHO
escreveu ilustrou



DO JOÃO.



TRINTA POR UMA LINHA

A Casa do João - Sinopse do livro

Com seu habitual jeito de versejador de lengalengas, trava-línguas, limericks, usando frases idiomáticas da língua portuguesa que hoje se estão a perder como: um poeta a ladrar à lua, um fidalgo de meia tijela, o gato foi às filhós, o fruto proibido é o mais apetecido, entre outras, João Manuel Ribeiro começa por apresentar, no primeiro poema, uma família tradicional com pai, mãe, avô, uma filha e um gato caracterizado por traços peculiares, deixando propositadamente de fora o filho João, o protagonista. Porém, no segundo poema, com a introdução de uma bruxa, inverte-se o processo do real para o imaginário e, agora, a casa é só do João, feita sem janelas nem porta onde cabe toda a fantasia, humanizando-se, ao modo de fábula, ratos, cães, gatos e até, surpreendentemente, há a arca do banzé, símile da de Noé donde espreitam e coabitam animais domésticos e selvagens.

O ilustrador, João Vaz de Carvalho, ao assumir um traço caricatural próximo das representações infantis, omite o João ao apresentar as primeiras personagens, remetendo-o para a sua casa de faz-de-conta, o verdadeiro lugar das suas aventuras. A família, à moda de retrato, apresentada pelo protagonista surge numa representação estática. Toda a outra figuração é de movimento, em traço alongado. A imaginação anda à solta e a hipérbole é legitimadora.

Manuela Maldonado (*Solta Palavra* 19, 2013)]



PARTICIPA NISTO!

Passatempo do trimestre

Em todos os números de *A Casa do João* ser-te-á proposto um passatempo: umas vezes terás de escrever (histórias, contos, poemas, etc.), outras terás de escrever e desenhar, outras terás, ainda, de apreciar ou comentar um texto, entre outras coisas...

Os melhores trabalhos serão publicados na revista e as escolas receberão livros de oferta (oferecidos pela *Trinta Por Uma Linha*).

Cada passatempo terá as suas regras de participação.

Proposta de trabalho:

1. Lê o livro *A Casa do João*
2. Escreve um *Conto breve* (entre 250 e 1250 palavras) em que presentes a tua casa e/ou a tua família... (ex: *A Casa do Jorge*, *A Casa da Rita*, etc.)
3. ...Ou escreve poemas (1 a 3, com um total de 24 versos) sobre algum dos personagens que aparecem no livro (cão, gato, rato, saco de grão e feijão, a bruxa Mafalda, a arca do banzé, o poeta, etc....)

para
escolas

Regras de participação:

1. Os textos (conto ou poema) têm de ser individuais (não de grupo).
2. Os trabalhos devem vir identificados com o nome do aluno e da turma, e indicar ainda o nome da escola e respetivo agrupamento.
3. Os trabalhos devem ser enviados:
 - em pdf
 - até ao dia 25 de março de 2018
 - para: acasadojoao2017@gmail.com
4. O envio dos trabalhos pressupõe a autorização de publicação dos mesmos na revista.
5. Os vencedores só serão conhecidos aquando da publicação do n.º seguinte da revista.
6. A oferta de livros será sempre feita à escola e nunca aos alunos.

Dica para os professores:

1. Sobre o livro podem encontrar informações em joamanuelribeiro.pt
2. Há jogos e outras atividades sobre o livro em <http://www.catalivros.org/>

PARTICIPEM!

POEMAS À MANEIRA DE...

OULIPO

Misturei num saco:

A palavra chão.

A palavra céu.

A palavra anão.

A palavra réu.

A palavra sol.

A palavra chuva.

A palavra caracol.

A Palavra luva.

A palavra alegria.

A palavra tristeza.

A palavra poesia.

A palavra beleza.

E dei o saco cheio ao menino
que, depois de demorado atino,
as encadeou para mim
assim:

O chão
anão
é réu
do céu.

O caracol
ao sol
não quer luva
nem chuva.

A poesia
é a beleza
da alegria
e da tristeza.

João Manuel Ribeiro (Algazarra de Versos)

Agora tu:

Misturei num saco:

A palavra _____.

A palavra _____.

A palavra _____.

A palavra _____.

A palavra _____.

A palavra _____.

A palavra _____.

A Palavra _____.

A palavra _____.

A palavra _____.

A palavra _____.

A palavra _____.

E dei o saco cheio ao menino
que, depois de demorado atino,
as encadeou para mim
assim:

_____.

_____.

_____.

PARA BRINCALHARES

brinca com as palavras



Sopa de Letras A CASA DO JOÃO

F M L L M U D O F V E A N R O
J E R E A E V G I I E A O I A
A N N B F E R A A E D G N X P
M I P R A M A F A L D A U G P
F N M E L O C I M A I R L O L
T O A O D O L I A R B N I G P
C A R R A I A L G C I I H L O
A I T M M A N I M A I S A A E
T O A A I N R C H S R É A S T
R A F R A G U L H A G R O E A
A T B G A T A R R ã O B A T J
P E R D I G U E I R O S S I O
U R E V I S T A R L V R O U ã
S A G M I N H O C A V A L O O
ã E O A ã A A G G U B U R R O

FAMILIA
JOÃO
MAFALDA
BRUXA
MIGALHA
POETA
CIGARRA
CASA
GATARRÃO
ARCA
ANIMAIS
MAFALDA
REVISTA
PERDIGUEIRO
MARTA
LEBRE
GARNISÉ
GALINHA
AGULHA
MUDO
ARRAIAL
MENINO
PEDINCHÃO
ROSSIO
VIELA
FIDALGO
RUA
LOBO
FORMIGA
MINHOCA
BURRO
CAVALO
CATRAPUS

PARA BRINCALHARES

pinta como te apetecer



EXTRA!
EXTRA!

SAIU NA IMPRENSA

INFOCUL.PT

LETRAS ATLÂNTICAS

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

SIC NOTÍCIAS

CANELA & HORTELÂ

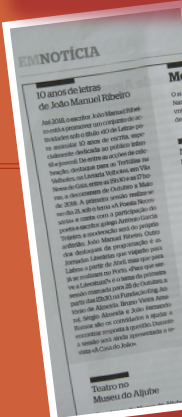
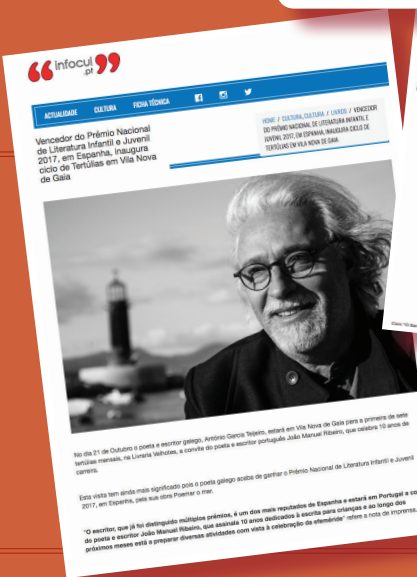
RTP

RTP3

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

VIVA-PORTO.PT

ESCRITORES.ONLINE



JORNADAS LITERÁRIAS

Depois do sucesso da edição do **10 de Letra**, no Porto, a próxima cidade a receber a iniciativa será Lisboa, em abril. Em breve, revelaremos mais detalhes.

TERTÚLIAS NA VELHOTES

A próxima tertúlia do Ciclo **10 de Letra**, com a curadoria do João Manuel Ribeiro, é no dia 27 de janeiro de 2018 (sábado), a partir das 15h30. O mote é *Cultura, o indispensável supérfluo* e Nassaete Miranda, diretora do jornal *As Artes entre as Letras* e Paulo Moreira Lopes, diretor do *Correio do Porto*, estarão à conversa, que é também aberta aos presentes.

SENHOR PÉSSIMO É O MÁXIMO EM GALEGO E CASTELHANO

É mais um a atravessar as fronteiras e a juntar-se a tantos outros! *O Senhor Péssimo é o Máximo*, de João Manuel Ribeiro, obra recomendada pelo Plano Nacional de Leitura, acaba de ser editada em Espanha, pela Hércules de Ediciones. “Tenho uma forte ligação profissional e pessoal com a Galiza e não poderia estar mais satisfeito por saber que mais um trabalho meu está agora acessível a todos quantos me queiram ler”, revela João Manuel Ribeiro.

MEU AVÔ, REI DE COISA POUCA JÁ ESTÁ DISPONÍVEL EM ITALIANO

Foi publicado, no passado mês de dezembro, em Itália, o livro *Meu avô, rei de coisa pouca*, pela mão da Tuga Edizioni, com tradução de Laura Fasolino e com o título *Mio Nonno, re di poca cosa*. Este livro será brevemente publicado na Eslovénia, pela editorial Zalozba Malinc.

POEMAS DA BICHARADA

António Garcia Teijeiro, Prémio Nacional de Literatura Infantil e juvenil de 2017, Espanha, destacou *Os Poemas da Bicharada* no seu blogue, com as seguintes palavras: *No “remuño” de “Versos e aloumiños”, de novo o gran João Manuel Ribeiro. Desta volta, cun poemario para os primeiros lectores ilustrado polo mestre de ilustradores Xan López Domínguez. Unha antoloxía breve dun libro anterior con poemas frescos e lúdicos que ten os animais coma protagonistas. Un volume precioso e atraente.*

Outras boas Notícias

LER FAZ BEM!

O Politécnico do Porto desenvolveu um estudo com cerca de mil crianças de quatro agrupamentos escolares, verificando que as atividades de leitura no Jardim de Infância diminuem em 50% o risco de dificuldades de aprendizagem no primeiro ano escolar. À atenção dos educadores...

ENCONTROS LUSO-GALAICOS

Os 23.º Encontros Luso-Galaicos do Livro Infantil e Juvenil tiveram lugar na Escola Superior de Educação do Porto, nos dias 24 e 25 de novembro, subordinados ao tema *Primeiros Leitores, Primeiros Poemas*. Participaram escritores e investigadores de Portugal, da Galiza e do Brasil.

PROJETO ALER+ 2027

O **aLer+ 2027**, iniciativa do Plano Nacional de Leitura (PNL) e da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), destina-se a apoiar escolas que pretendam desenvolver um ambiente integral de leitura, centrado na melhoria da compreensão leitora e no prazer de ler, tendo por base novas estratégias e práticas, não só em contextos formais de aprendizagem, mas, também, noutros contextos de socialização da leitura, digitais, não formais e informais. De forma a prosseguir a sua execução, é solicitado às escolas sede dos agrupamentos/ escolas não agrupadas selecionadas, que submetam, até 22 de janeiro de 2018, no SIPNL, um Plano de Ação que, excecionalmente, terá uma duração de 2 anos: 2017-18 e 2018-19.

PORTO DE ENCONTRO 2018

Já são conhecidos os convidados do “Porto de Encontro” – ciclo literário mensal promovido pela Porto Editora e moderado pelo jornalista Sérgio Almeida – para o primeiro semestre de 2018. São eles: Francisco Louçã (20 de janeiro), Maria do Rosário Pedreira (24 de fevereiro), José Rentes de Carvalho (24 de março), Valter Hugo Mãe (14 de abril), Rosa Alice Branco (19 de maio) e Jacinto Lucas Pires (30 de junho). A não perder!

história para rir

NÃO IR EM FUTEBÓIS

Certo jogador de futebol encontrou um amigo e explicou-lhe uma jogada da partida daquela tarde:

– Foi fantástico! Havia de ter visto! Na hora de marcar o penalti o guarda-redes, para me desconcentrar, diz-me: “Estás desgraçado! Se chutares para a esquerda eu defendo, se chutares para a direita eu defendo, se chutares para o meio eu defendo!”

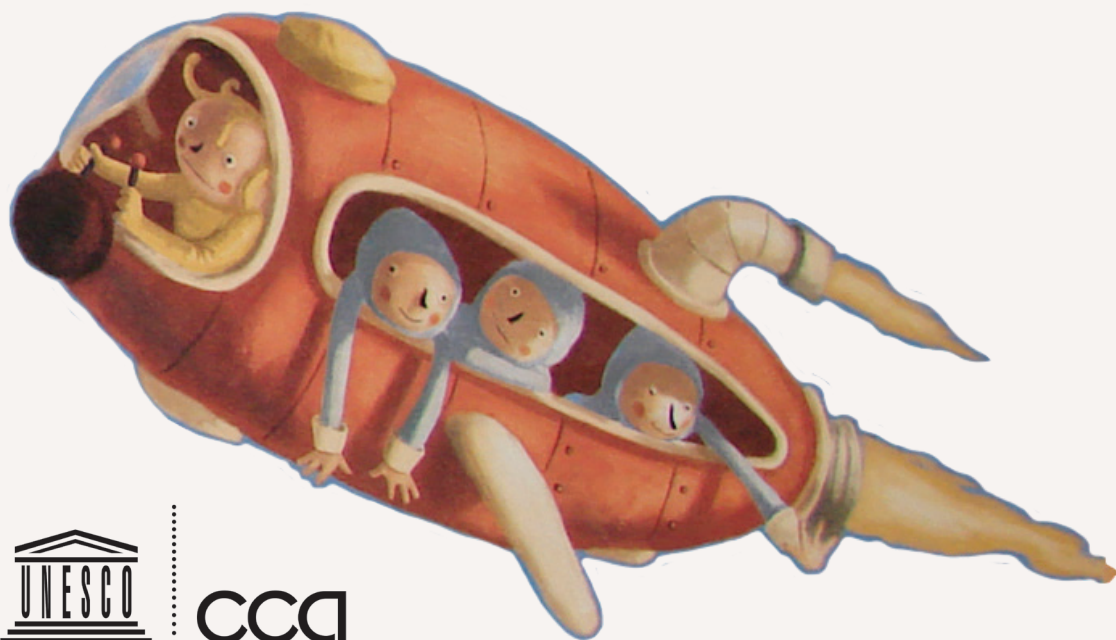
– E tu? O que fizeste? – perguntou, interessado, o amigo.

– Ora, o que havia de fazer? Enganei-o...

– Enganaste-o como?

O jogador, sem mais cá nem lá, diz:

– Fiz a única coisa que ele não esperava.... Chutei para fora!



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

CCCI

Centro UNESCO de Amarante
Amarante UNESCO Center

ISSN 2184-1233



9 772184 123004 >